



SEÇÃO: RESENHA

A Falange Espanhola, a América Latina e a Guerra Civil Espanhola: os fascismos nacionais, o voluntariado e o apoio à rebelião franquista, 1936-1939

The Spanish Falange, Latin America and the Spanish Civil War: national fascisms, volunteerism and support for the Francoist rebellion, 1936-1939

La Falange Española, América Latina y la Guerra Civil española: fascismos nacionales, voluntariado y apoyo a la rebelión franquista, 1936-1939

João Fábio Bertonha¹

orcid.org/0000-0002-5194-5632
fabiobertonha@gmail.com

Recebido em: 02 ago. 2023.**Aprovado em:** 13 abr. 2024.**Publicado em:** 01 jul 2024.

Resumo: Resenha de Velasco Martínez (2023) e Madueño Álvarez, Velasco Martínez e Azcona Pastor (2021).

A Guerra Civil Espanhola foi um dos acontecimentos mais marcantes do período entre as duas guerras mundiais, com diversos Estados oferecendo o seu apoio em defesa da República ou dos rebeldes e uma intensa mobilização nos mais diversos países da Europa, das Américas e de outros continentes. A guerra na Espanha foi um reflexo e um catalizador das intensas lutas ideológicas que se tratavam no mundo naqueles anos, e seu impacto e importância são mais do que conhecidos. Na América hispânica, como não podia deixar de ser, dadas a língua e a cultura comuns e a maciça presença de imigrantes espanhóis, o conflito deixou marcas ainda mais profundas, dividindo as diversas sociedades e Estados e também as colônias de imigrantes espanhóis. Uma imensa bibliografia já foi produzida para registrar e debater esse impacto da Guerra Civil Espanhola nos países hispânicos da América.

Um tema que tem chamado a atenção dos historiadores nos últimos anos é o apoio às forças franquistas, o qual foi, provavelmente, subestimado. A versão tradicional é a de que os republicanos tiveram um apoio maciço tanto entre os espanhóis residentes na América como nas sociedades hospedeiras, e que os defensores de Franco eram poucos, quase sempre de classe média ou alta e ligados a grupos católicos ou conservadores. Essa versão é, em essência, correta, mas realmente subestima a popularidade da causa franquista nos setores conservadores das comunidades espanholas.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil.

Nos mais diferentes países da América Latina, de fato, o cenário se repetiu de uma forma quase perfeita. As associações que abrigavam as elites e as classes médias espanholas e as católicas se alinharam com Franco, enquanto as de esquerda e as de cunho assistencial, mais populares, com a República. Os grupos vinculados aos "nacionalismos periféricos" espanhóis, como galegos, bascos e catalães, também se inclinaram para a causa republicana. Ao mesmo tempo, vários grupos de apoio à rebelião foram constituídos, normalmente sob uma bandeira assistencial ou católica, para enviar dinheiro, roupas, alimentos e apoio moral para as forças rebeldes, além de sustentarem um grande esforço de propaganda nos seus países de acolhida.

Um ator relevante, nesse sentido, foi a Falange Espanhola, o fascismo espanhol. Desde a sua fundação, em 1933, ela procurou reproduzir a sua estrutura partidária no exterior, ainda que com pouco sucesso. Nesse aspecto, ela não se diferenciava de outros fascismos, que também tentavam criar células fora do território nacional, de forma a atrair os imigrantes de sua nacionalidade ali instalados, vigiar seus inimigos, reforçar os laços com os simpatizantes locais e mesmo exercitar uma política externa própria. Não espantosamente, os fascismos que conseguiram criar redes realmente globais desse tipo foram o italiano e o alemão, a partir do momento em que eles conseguiram os recursos do Estado (financeiros e de coerção) para bancar o projeto, o que levou, contudo, a disputas e conflitos com o próprio Estado. Outros movimentos — como os diversos franceses, o britânico, o belga e outros — tiveram um sucesso limitado nos seus esforços, seja pela falta de recursos, seja pela oposição dos grupos tradicionais que controlavam as diversas comunidades de imigrantes.

O caso espanhol é especial porque a expansão da Falange fora da Espanha (essencialmente na América hispânica e nas Filipinas, mas também nos Estados Unidos, no Brasil, na França e em outros países da Europa) tomou impulso apenas a partir de 1936, em um contexto de guerra civil, e sem o apoio do Estado espanhol, mas com uma

estrutura de poder estatal que se formava, a Espanha nacionalista. Os falangistas, dessa forma, podiam contar com o apoio de um Estado que ia se constituindo, mas também eram constrangidos em sua autonomia por ele. Ao final, a partir de 1939, quando a Espanha nacionalista venceu a guerra civil e o clima internacional se tornou mais tenso, ela própria decidiu pela anulação do falangismo, dentro e fora da Espanha. A experiência falangista na América, dessa forma, foi singular e limitada, mas de importância, o que tem levado a historiografia a dirigir o seu olhar para ela. Os dois livros aqui resenhados são os mais recentes a estudar essa experiência.

O primeiro, publicado por Luis Velasco Martínez, em 2023, é um estudo aprofundado sobre a ação da Falange na Argentina e no Uruguai. Ele acompanha a trajetória da Falange nos dois países, destacando os esforços falangistas para se instalar neles, a relação com os movimentos fascistas ou de direita radical locais (especialmente na Argentina) e com os outros grupos, conservadores, que apoiavam a rebelião de Franco. Esse é, aliás, um dos pontos fortes do livro, pois ele consegue demonstrar com clareza o quanto as elites tradicionais olhavam para os falangistas com desconfiança e até desprezo, preferindo canalizar o seu apoio ao Exército franquista e aos esforços locais de propaganda através de outros meios e instituições.

Os conservadores, afinal, queriam, acima de tudo, impedir a revolução, enquanto os falangistas ofereciam, como proposta para anular a esquerda, uma revolução alternativa e potencialmente incontrolável. Eles, além disso, eram recém-chegados que queriam retirar o controle e o comando de antigas instituições das mãos das elites tradicionais e, quase sempre, pessoas de baixa extração social, o que incomodava essas elites. Essa situação, na verdade, não foi particular da Argentina e se aproxima, igualmente, dos casos italiano e alemão. Velasco Martínez (2023) consegue explicitar com clareza as relações entre os vários grupos e como a colaboração e o conflito nunca cessaram de existir, até que a vitória franquista tornasse o falangismo supérfluo

e ele fosse progressivamente eliminado. O fato de ele ter conseguido acesso aos documentos pessoais de uma das líderes do movimento de apoio ao franquismo na região do Prata, Soledad Alonso de Drysdale, é um diferencial de peso, em termos de fontes, para a sua obra.

O colapso do falangismo na América Latina é tradicionalmente explicado pela mudança do contexto internacional (e, especialmente, pela crescente ação americana contra a atuação dos falangistas na região) e na própria Espanha, onde a Falange foi sendo progressivamente eliminada enquanto projeto político autônomo. O autor acrescenta a isso o fato de as próprias lideranças das coletividades espanholas, que haviam tolerado o falangismo durante a guerra, terem mantido sua autonomia e se colocado contra ele após o fim dos combates. Uma perspectiva que relaciona o internacional com o nacional e que, nos casos por ele estudados, é consistente.

O caso argentino, contudo, não foi cem por cento igual ao de outros países, e um diferencial foi a disponibilidade de alguns grupos fascistas e da direita radical em apoiar decisivamente a ação da Falange no país. Nos mais diversos países do continente, os movimentos e grupos fascistas autóctones deram suporte e apoio aos falangistas, vistos como companheiros de armas em uma luta global, mas apenas na Argentina esse apoio foi realmente consistente, dando aos falangistas uma fonte de suporte alternativo que no Uruguai, por exemplo, praticamente não existiu.

Como bem indicado pelo autor, não era incomum que, antes da Falange se instalar na Argentina, em 1936, os seus simpatizantes espanhóis residentes na Argentina apoiassem financeiramente ou mesmo se filiassem ao nacionalismo argentino, especialmente na Legión Cívica Argentina (LCA). Quando os falangistas começaram a se estruturar no país, a LCA ajudou a difundir a nova organização no seu jornal e em panfletos e essa colaboração continuou nos anos a seguir. O jornal da LCA, *Crisol*, também colaborou na coleta de fundos que permitiu a partida de voluntários falangistas para a guerra na península ibérica e enviou um correspondente com o primeiro grupo.

Em outros países, era habitual que os fascismos locais sofressem influência e recebessem auxílio, material e simbólico, dos europeus. Na Argentina, no tocante aos espanhóis, isso também ocorreu, mas a via contrária foi muito mais densa. Graças a esse apoio mais sólido, os falangistas locais puderam manter uma maior autonomia frente aos grupos conservadores e às próprias diretivas que vinham da Espanha. Ele também ajuda a explicar por que foi da Argentina que partiu o grupo mais nutrido de voluntários falangistas para o combate na guerra civil, experiência que o autor também reconstrói no seu livro.

Ele identifica 80 falangistas, os quais, em vários grupos, se dirigiram para a Espanha, especialmente em 1936, mas também em 1937. Minha estimativa atual, feita a partir de pesquisas recentes e que se diferencia da de meus estudos anteriores, é de que o número total de pessoas com origens argentinas nas forças de Franco é de 250 homens, dos quais pouco mais de 100 vindos da América e 150 já moradores na Espanha. Além dos 100 falangistas, dois argentinos estariam nas forças carlistas e 65 na Legião Espanhola. De qualquer forma, um número expressivo, o maior da América Latina. A expressividade argentina, aliás, não ficou apenas restrita ao grupo falangista, mas foi marcante também em termos gerais.

Com efeito, dos cerca de 500 homens com origens latino-americanas ou das Filipinas (ou, o que foi o caso mais comum, espanhóis residentes nesses locais) que lutaram com Franco na guerra (aproximadamente, 50 cubanos, 250 argentinos, 80 mexicanos e 108 filipinos, além de alguns isolados do Brasil, Chile e outros locais), cerca de metade era argentina. No caso dos falangistas, foram cerca de 230 homens, como mínimo, que vieram de países além-oceano para participarem das bandeiras da Falange (100 argentinos, 60 filipinos, 56 mexicanos e 10 cubanos, além de indivíduos isolados de outros países). Os números e as estatísticas não são precisas e podem, com certeza, mudar no futuro, mas o quadro geral parece claro e indica a proeminência da Argentina.

Esse maior número deriva de dois elementos por ele identificados, ambos relacionados ao

apoio do nacionalismo argentino. O primeiro é que esses voluntários incluíam não apenas espanhóis mas também argentinos de origem espanhola, quase sempre militantes em grupos nacionalistas. Identificar quem é quem é tarefa difícil, até porque muitos provavelmente tinham dupla nacionalidade, mas é claro que isso ampliou a base de recrutamento.

Do mesmo modo, o apoio do nacionalismo argentino foi crucial para pagar as despesas de viagem, o que era sempre o maior limitador para o voluntariado em guerras na Europa, especialmente quando originado nas Américas. O financiamento adequado podia, em alguns casos, anular o problema da distância, mas quase sempre o dinheiro vinha dos empresários espanhóis em cada país. Das Filipinas, por exemplo, houve mais de 100 voluntários para a guerra na Espanha, dos quais 60 falangistas, e eles só puderam cobrir os 12 mil quilômetros que os separavam dos campos de batalha graças ao apoio dos empresários espanhóis locais, especialmente os da indústria do tabaco. O caso argentino é, contudo, especial, justamente por esse apoio excepcional do fascismo local, que ofereceu uma fonte de apoio alternativo e que não se repetiu em outros lugares. Alguns trabalhos recentes — como o extraordinário trabalho de Ferreira (2018) — já estavam a delimitar esse quadro, mas o livro aqui resenhado avança ainda mais nessa discussão.

Isso forma, aliás, um grande contraste com o caso brasileiro. Uns poucos espanhóis nascidos ou residentes no Brasil, onde havia uma comunidade espanhola expressiva, se incorporaram às forças de Franco, mas pouquíssimos, não mais de uma dezena. Não houve, contudo, um voluntariado organizado pelos falangistas e não há registro de nenhum integralista se alistando nas forças rebeldes. A falta de interesse da AIB em se engajar nessa direção, ao contrário do que aconteceu na Argentina, e a oposição do governo de Vargas, que permitia o envio de víveres e dinheiro, mas não o recrutamento de voluntários (Oliveira, 2015), são elementos que podem ajudar a explicar essa diferença, a qual mereceria, contudo, ser melhor investigada.

O autor também traz uma colaboração de importância para o estudo do tema ao abordar a *Misión de la Bandera de Falange de Marruecos*, ou seja, uma expedição organizada a partir do Protetorado do Marrocos que, em 1937, visitou os países do Cone Sul. Era uma missão de propaganda, tendo produzido, inclusive, vários filmes e documentários, mas também, segundo o autor, um canal para levar, para a Argentina e o Uruguai, uma série de lideranças falangistas encarregadas de substituir algumas das locais e garantir que elas obedecessem às ordens do comando central da Falange. A análise do autor é convincente, mas fica a questão das razões de esse esforço de disciplinarização da Falange de organizações e grupos que estavam saindo do controle (de resto, comum a toda a América Latina a partir, grosso modo, de 1937) ter sido feita a partir de uma missão específica e de sua origem ter sido o Protetorado do Marrocos e, mais especificadamente, a partir de uma unidade da Falange ali organizada, a *Bandera de la Falange de Marruecos*. Voltarei a esse tópico a seguir.

O segundo livro resenhado, do qual Velasco Martínez foi um dos organizadores, junto com Miguel Madueño Álvarez e José Manuel Azcona Pastor, também discute, em essência, as mesmas questões do livro anterior, mas com uma abrangência maior, avançando no tempo, no espaço e nos desdobramentos temáticos.

Em termos temporais, não apenas se avança para o período da Segunda Guerra Mundial (com um texto sobre a influência falangista na revista *Sol y Luna*, publicada na Argentina entre 1938 e 1943), como se chega ao período da Guerra Fria com um capítulo sobre a participação de falangistas no Congresso Mundial da Juventude que ocorreu em Cuba em 1978. Essa expansão temporal é fundamental para entender o falangismo e sua inserção na direita como um todo na América Latina e recentes trabalhos (Lvovich, 2022; Bertonha; Bohoslavsky, 2023) também caminham nessa direção. Já em termos geográficos, não apenas se retorna ao caso argentino, como se incluem textos sobre as Filipinas, o Chile, o México e Cuba, incluindo estudos de caso de per-

sonagens importantes no sistema de propaganda cinematográfica e escrita e na militância, como José Ignacio Ramos na Argentina. José Ignacio Rivero Alonso em Cuba e José Prial Noriega no México. A questão da participação feminina na Falange também é estudada em detalhes, com foco no caso chileno.

O artigo que mais me chamou a atenção foi o de Alfonso Iglesias Amorin sobre a Bandera de la Falange de Marruecos. Se, no primeiro livro, o foco maior era na missão por ela conduzida na América do Sul, esse artigo aborda a unidade em si. Ele faz uma análise densa sobre a Falange no Protetorado do Marrocos e suas características especiais, como uma presença expressiva de militares nas suas seções e uma influência muito expressiva deles no seu comando. Iglesias Amorin acompanha a história da unidade, a sua violência já no Marrocos (contra sindicalistas, socialistas, republicanos e, igualmente, contra maçons e judeus) e sua ação nos campos de batalha espanhóis, nos quais teve baixas expressivas e foi usada como tropa de choque.

O autor não avança na discussão a respeito dos objetivos e interesses da Falange Espanhola em criar essa unidade, mas tenho a impressão de que as suas atividades mereceriam ser melhor investigadas, pois há sinais de que ela tinha um caráter político, além de militar. Não apenas era um batalhão da Falange em combate em território espanhol, como outros, mas absorveu voluntários vindos do exterior (do Marrocos e da própria América Latina), recebia apoios externos (dos italianos e dos alemães) e de setores do nacionalismo marroquino e teve uma atividade externa na América Latina, como já indicado. É minha hipótese que as atividades da Bandera de Marruecos — no Marrocos, na Espanha e na América Latina — podem ter sido pensadas como um ensaio para uma ação política, combinando combate na linha de frente, solidariedade internacional e voluntariado transnacional. É verdade que a Falange do Marrocos, até pela influência expressiva dos militares, era particularmente fiel a Franco e, portanto, não parece haver sinais de que ali estava sendo gestado um projeto político

autônomo, mas talvez apenas um para ganhar visibilidade e espaço dentro de um regime em formação. Mesmo assim, é uma hipótese a considerar e que mereceria mais investigação.

Em resumo, os dois livros aqui resenhados indicam bem o estado da questão dentro dos estudos sobre a ação da Falange Exterior na América Latina, nas Filipinas e no Marrocos. Já sabemos muito mais sobre esse tema desde que ele começou a ser investigado com mais rigor, nos anos 1990, mas ainda falta muito a ser feito. Eu esbocei, por exemplo, algumas comparações entre as ações dos Fasci all'estero, da Auslandsorganisation der Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDAP) e da Falange Exterior na América Latina e sobre as ações dos primeiros no continente (Bertonha; Athaides, 2021), mas estudos mais densos comparando e evidenciando as ligações entre os três grupos seriam muito bem-vindos.

Do mesmo modo, o voluntariado para as forças de Franco a partir das Filipinas, da América Latina e do Marrocos é um tema que tem chamado cada vez a atenção da historiografia, mas o feito até agora é incipiente. É, de qualquer modo, uma tarefa necessária, até para que possamos fazer uma comparação com outras experiências de voluntariado nas guerras fascistas (como a dos italianos do exterior na Guerra da Etiópia ou a dos alemães com estrangeiros e alemães étnicos na Segunda Guerra Mundial). De qualquer forma, o avanço nos nossos conhecimentos a respeito do tema é evidente e os dois livros aqui resenhados são uma colaboração expressiva nesse sentido.

Referências

BERTONHA, João Fábio; ATHAIDES, Rafael. *O nazismo e as comunidades alemãs no exterior: o caso da América Latina: História, historiografia e guia de referências bibliográficas (1932-2020)*. Maringá: Edições Diálogos, 2021.

BERTONHA, João Fábio. BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule pela direita: percepções, redes e contatos entre as direitas sul-americanas, 1917-1973*. Maringá: EDUEM, 2023.

FERREIRA, Alejandra Noemi. *La conformación de un consenso pro-franquista en la comunidad española de Buenos Aires: solidaridad material y propaganda político-cultural (1936-1945)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2018.

LVOVICH, Daniel. *El águila y el haz de flechas: el espionaje de Estados Unidos al falangismo en el Río de la Plata (1941-1944)*. Santander: Editorial Universidad de Cantabria, 2022.

MADUEÑO ÁLVAREZ, Miguel; VELASCO MARTINEZ, Luís; AZCONA PASTOR, José Manuel (ed.). *Camisas azules en Hispanoamérica (1936-1978): organización política y prosopografía del falangismo en Ultramar*. Madrid: Dickinson, 2021.

OLIVEIRA, Eliane Venturine de. *Republicanos y rebeldes más allá de las fronteras: Brasil y la Guerra Civil española*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Valência, Valência, 2015.

VELASCO MARTINEZ, Luís. *Fascismo de ultramar: el falangismo español en el Río de la Plata (1936-1943)*. Buenos Aires: Biblos, 2023.

João Fábio Bertonha

Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e pesquisador do CNPq.

Endereço para correspondência:

JOÃO FÁBIO BERTONHA

Universidade Estadual de Maringá

Departamento de História

Av. Colombo, 5790

Zona 7, 87020-900

Maringá, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.